

■ AUTOCONSCIENCIOTERAPIA

Grafoconsciencioterapia aplicada à Superação da Mágoa

Grafoconsciencioterapia aplicada a la Superación del Resentimiento

Graphoconscientiotherapy applied to Heartache Overcoming

Liege Trentin

Mestre em Linguística, professora, voluntária da EDITARES e do CEAEC, liegmt@yahoo.com.br

RESUMO. Este artigo tem por objetivo apresentar a autovivência sobre o mecanismo de desconstrução da mágoa através da técnica da autoaplicação grafoconsciencioterápica. A metodologia utilizada inclui pesquisa bibliográfica e o relato da autoexperiência na modalidade consciencioterápica intensiva, a que se submeteu a autora, na Organização Internacional de Consciencioterapia (OIC). O estudo de casos evidencia-se pelo método comparativo: diferenças (contraponto) e semelhanças (convergência). A auto-pesquisa desenvolvida possibilitou, além da autossuperação e profilaxia da mágoa, a preparação para a autoconsciencioterapia avançada. A partir dos resultados obtidos, conclui-se que a autoaplicação grafoconsciencioterápica é técnica eficaz para o autodesassédio e a ressignificação pensênica.

Palavras-chave: autoconsciencioterapia; paraterapêutica; ressignificação pensênica.

RESUMEN. Este artículo tiene por objetivo presentar la autovivencia del mecanismo de desconstrucción del resentimiento a través de la técnica de autoaplicación grafoconsciencioterapéutica. La metodología utilizada incluye la investigación bibliográfica y el relato de la autovivencia en la modalidad consciencioterápica intensiva, a la que se sometió la autora, en la Organización Internacional de Consciencioterapia (OIC). El estudio de casos evidencia, a través del método comparativo, diferencias (contrapunto) y semejanzas (convergencia). La autoinvestigación desarrollada posibilitó, además de la autosuperación y la profilaxia del resentimiento, la preparación para la autoconsciencioterapia avanzada. A partir de los resultados obtenidos, se concluye que la autoaplicación grafoconsciencioterapéutica es técnica eficaz para el autodesasedio y la ressignificación pensênica.

Palabras clave: autoconsciencioterapia; paraterapéutica; ressignificación pensênica.

ABSTRACT. This article aims to present the self-experience about the mechanism of deconstruction of the heartache through the graphoconscientiotherapy self-application technique. The methodology used includes bibliographic research and the report of self-experience in the intensive conscientiotherapy modality, which the author underwent in the International Organization of Conscientiotherapy (IOC). The case study is evidenced by the comparative method: differences (counterpoint) and similarities (convergence). The developed self-research made possible, in addition to self-overcoming and prophylaxis of the heartache, the preparation for advanced self-conscientiotherapy. From the results obtained, it is concluded that the graphoconscientiotherapy self-application is an effective technique for self-deintrusion and thosenity ressignification.

Keywords: self-conscientiotherapy; paratherapeutics; thosenity resignification.

INTRODUÇÃO

Contexto. Este trabalho apresenta o mecanismo de desconstrução da mágoa, o qual foi desenvolvido através da escrita e análise dos aportes grafoconsciencioterápicos obtidos na consciencioterapia, modalidade de atendimento intensiva, a que se submeteu a autora, na Organização Internacional de Consciencioterapia (OIC), em 2013.

Autoaplicação. A *técnica da autoaplicação grafoconsciencioterápica* favoreceu a explicitação da intraconsciencialidade através da autopesquisa das parapercepções vivenciadas nos atendimentos consciencioterápicos e períodos intermediários.

Aporte. O *aporte grafoconsciencioterápico* é a achega, assistência, contribuição, auxílio de natureza terapêutica, decorrente de parareceptoria por meio de inspirações e sincronidades capazes de dinamizar a autoconsciencioterapia através da escrita.

Técnica. A *autoaplicação grafoconsciencioterápica* é a técnica paraterapêutica de autoinvestigação, autodiagnóstico, autoprescrição de autoenfrentamento, por meio da escrita ou registro pessoal; fundamentada na Consciencioterapeuticologia, notadamente na interconexão consciencioterapia-autoconsciencioterapia-grafoconsciencioterapia; visando à autossuperação de manifestações conscienciais ectópicas, à ressignificação autopensênica e ao desenvolvimento da ortopensividade.

Autocura. Segundo a *Consciencioterapeuticologia*, a própria consciência, através da aplicação de técnicas autocientíficas, promove a remissão de distúrbios pessoais de modo a conquistar a homeostase holossomática. Nesse sentido, duas diretrizes são essenciais para esta abordagem autopesquisística:

1. A autoconsciencioterapia pressupõe o evoluciente sendo consciencioterapeuta de si mesmo.
2. A grafoconsciencioterapia pressupõe a autoconsciencioterapia pela escrita.

Objetivo. O objetivo deste artigo é apresentar a autovivência sobre o mecanismo de desconstrução da mágoa pela *técnica da autoaplicação grafoconsciencioterápica*.

Método. A metodologia envolve pesquisa bibliográfica, autorreflexões e análise dos registros referentes às autovivências no período da consciencioterapia intensiva. O estudo dos casos descreve o movimento pesquisístico desenvolvido, através da interconexão consciencioterapia-autoconsciencioterapia-grafoconsciencioterapia, visando explicitar as causas geradoras da mágoa e o mecanismo de desconstrução.

Estrutura. O artigo apresenta a seguinte estrutura:

- I. Pressupostos consciencioterápicos.
- II. Assistência paradidática.
- III. Autoaplicação do aprendizado.
- IV. Conclusões.

I. PRESSUPOSTOS CONSCIENCIOTERÁPICOS

1.1. Grafoconsciencioterapia.

Abordagem. A grafoconsciencioterapia é abordagem técnica desenvolvida pela OIC.

“A grafoconsciencioterapia é um exemplo de utilização de métodos científicos aplicados à intraconsciencialidade onde a pessoa pode utilizar as habilidades cognitivas para gerar saúde em si mesma. Há diversas técnicas para aplicar a grafoconsciencioterapia: escrita de relatórios quinzenais pelos evolucionistas, escrita de texto com posterior análise consciencioterápica, escrita de diário com foco no assunto a ser tratado, instalação de campo para escrita e análise do padrão pensênico, entre outros” (Paludeto, 2008, p. 5).

Campo. A autoaplicação grafoconsciencioterápica ocorreu, objetivamente, pela instalação de campo para autorreflexão, registro, análise e interpretação das parapercepções, vivenciadas no período da consciencioterapia, sobre fatos, desta vida, lembrados com recorrência durante a vigília física.

Estilística. As lembranças surgiam na forma de texto narrativo, com introdução, desenvolvimento e conclusão. Essa estilística representou um *link* para a valorização das lembranças, superficialmente consideradas devaneio, porém o autoestudo aprofundado demonstrou serem importantes para a compreensão do *modus operandi* pessoal.

Achados. A experiência na modalidade consciencioterápica intensiva promoveu o aumento das parapercepções e proporcionou achados autopesquisísticos importantes para autoinvestigação, autodiagnóstico, autoenfrentamento e autossuperação.

Pistas. Apesar de tantos ganhos na primeira experiência consciencioterápica, esta autora não se considerou com alta ao término dos 5 atendimentos inerentes à modalidade intensiva, tendo apenas uma certeza: *não sabia quem era*. Mas levava a hipótese de que escrevendo a autobiografia a partir das pistas adquiridas naquele período, poderia juntar as peças do quebra-cabeça quanto à explicitação da intraconsciencialidade.

Prioridade. Não saber quem era significava a incerteza quanto ao holopensene padrão, materpensene, trafais, trafares, trafores. Nesse sentido, a intraconsciencialidade tornou-se prioridade na autopesquisa.

Crescendo. A dinâmica autopesquisística envolveu o crescendo superficialidade-profundidade-interpretação-aplicabilidade no estudo das casuísticas relativas à mágoa:

1. **Superficialidade.** A superficialidade é o menor esforço aplicado às percepções. Exemplo: o apriorismo da autora ao banalizar a maioria das casuísticas lembradas por considerá-las devaneio ou irrelevantes.

2. **Profundidade.** A profundidade é o maior esforço autocognitivo aplicado na autopesquisa. O estudo exaustivo das casuísticas, ao modo do contraponto mágoa recorrente X mágoa inexistente, é exemplo de aprofundamento na autoinvestigação, pois fa-

cilitou a compreensão do mecanismo gerador da mágoa. A partir dessa descoberta, optou-se por registrar os textos recorrentes e proceder à sistematização, análise, interpretação e síntese de cada narrativa.

3. **Interpretação.** A interpretação é a análise crítica do conteúdo do parafenômeno e o entendimento da mensagem transmitida, a exemplo da experiência aqui denominada *Conscin-Sorriso*. Nesse caso, interpretou-se que houve exercício paradidático, devendo a autora, nas demais situações, utilizar o aprendizado para promover a autocura através do autodidatismo.

4. **Aplicabilidade.** A aplicabilidade é a vivência dos aprendizados adquiridos na autopesquisa, a exemplo da autossuperação e profilaxia da mágoa.

Dinâmica. A repetição das lembranças em forma de texto proporcionava reflexão e aprofundamento, por fim a interpretação e a síntese ideativa. Esse mecanismo autocognitivo consistia em replicar a dinâmica gráfica até desconstruir os autopesquisas ectópicas sobre casos específicos e alcançar o autoesclarecimento.

Paratécnica. O reconhecimento da paratécnica grafoconsciencioterápica ocorreu após o estudo exaustivo das inter-relações das casuísticas lembradas.

Casos. Neste artigo, será demonstrado a grafoconsciencioterapia aplicada a 4 casos relativos aos mecanismos de desconstrução da mágoa: “Pegadinha”; “Morar fora de casa”; “Laboratórios paradidáticos”; e “Conscin-Sorriso”. Essas análises demonstram o passo a passo da experimentação consciencioterápica, as interações paraterapêuticas, as técnicas utilizadas e os resultados obtidos.

1.2. Técnicas autopesquisísticas.

Técnicas. Além da autoaplicação grafoconsciencioterápica, outras técnicas foram utilizadas no autoestudo, a exemplo destas 6 listadas na ordem alfanumérica:

1. **Técnica da Análise crítica do conteúdo do parafenômeno:** É a utilização do senso crítico na análise criteriosa e racional do fenômeno parapsíquico vivenciado, distinguindo os fatores intra e extraconscientes nas autopercepções, permitindo a identificação da mensagem transmitida (Justi; Lascani; & Rossa, 2018, p. 412).

2. **Técnica da associação de ideias:** “É o procedimento da interação de conceitos ou o ato de *juntar as pontas* dos fatos sob análise, identificando a sincronicidade existente entre todas as ocorrências da realidade cósmica” (Vieira, 2004, p. 123).

3. **Técnica da atenção dividida:** “É a centralização ou focalização da atenção, com apreensão cognitiva sadia, em 2 ou mais objetivos, sentidos ou objetos, ao mesmo tempo, nos quais a conscin esteja vendo, escutando ou mantendo acompanhamento atento, nas manifestações pensônicas compostas mais sofisticadas” (Vieira, 2018, 1.992).

4. **Técnica do contrapensene, ou refutação mental muda:** “Consiste em empregar ideias antagônicas nas pesquisas da consciência, em função da complexidade dos microuniversos conscientes, a fim de se obter a cosmovisão do campo de investigação e novas estruturas complexas” (Vieira, 2004, p. 127).

5. **Técnica do detalhismo:** “Consiste na busca da atomização máxima nas abordagens às realidades do Cosmos, a fim de entender as minúcias dos fatos e parafatos, fenômenos e parafenômenos, empregando a capacidade mais ampla da hiperacuidade no momento evolutivo” (Vieira, 2004 p. 129).

6. **Técnica do registro das parapercepções:** “É o conjunto de anotações pessoais realizadas antes, durante, e após as vivências parapsíquicas, objetivando o aprofundamento das experiências e análise do conteúdo do parafenômeno” (Justi; Lascani; & Rossa, 2012, p. 405).

Condutas. O autoestudo pressupõe condutas autocientíficas a serem vivenciadas pelo pesquisador, por exemplo, na ordem alfanumérica, estas 10 utilizadas pela autora neste trabalho:

01. **Atenção.** Evitação de distorções através da concentração mental e atenção dividida.

02. **Autoperceptibilidade.** O maior esforço aplicado aos detalhes perceptivos e paraperceptivos.

03. **Exaustividade.** Detalhamento e abordagem exaustiva.

04. **Hiperacuidade.** Captação das sutilezas multidimensionais.

05. **Incorruptibilidade.** Descrição precisa no registro das vivências.

06. **Intencionalidade.** Finalidade cosmoética da análise.

07. **Objetividade.** Detalhismo não é perfeccionismo.

08. **Racionalidade.** Análise racional considerando as etapas antes, durante e após a autovivência em estudo.

09. **Sinalética.** A comunicação interdimensional enriquecendo a pesquisa.

10. **Sincronicidade.** A relevância dos detalhes analisados em conjunto.

II. ASSISTÊNCIA PARADIDÁTICA

Procedimentos. A compreensão do mecanismo de funcionamento da mágoa, neste estudo, implica descrição minuciosa das ações desenvolvidas na autopesquisa e as descobertas propulsoras de novas análises mais complexas revelando inter-relações de fatos e parafatos. A abordagem nas 3 primeiras casuísticas demonstra, paulatinamente, a assistência paradidática preparando a pesquisadora para o autodidatismo na autocura.

2.1. Casuística 1 – *Pegadinha*.

Contexto. A casuística *Pegadinha* ocorreu no primeiro *set* consciencioterápico da modalidade intensiva realizada em 2013, na OIC, em Foz do Iguaçu.

Orientação. Esta autora seguiu a orientação dos consciencioterapeutas de manter o abertismo e aplicar o princípio da descrença, pois cada detalhe, por mínimo que fosse, poderia significar a ponta do *iceberg*.

Percepções. Ao ser indagada sobre as percepções prévias à consciencioterapia, a autora relatou um fato breve, considerado irrelevante, ocorrido aos 6 anos de idade, totalmente esquecido e apenas lembrado naquela semana.

Casuística. *A família da autora vivia na fronteira; sua mãe, igual à vizinhança, fazia as compras na Argentina. Certo dia, ela atrasou a volta para casa; preocupada, a autora abordou um dos passantes conhecido pedindo notícias; a pessoa aplicou-lhe uma pegadinha dizendo que sua mãe ficara presa na Gendarmeria.*

Diagnóstico. Um dos consciencioterapeutas, será aqui identificado por C1, demonstrava acolhimento e tom de censura questionando o fato de viver há 51 anos com aquela mágoa. O diagnóstico pareceu, à autora, sem lógica. Primeiro, porque sequer lembrava-se daquele fato; segundo, porque não poderia curar algo ignorado. Por isso não demonstrou interesse no assunto. Colocara no relatório a questão da mágoa como demanda, porém havia casos específicos para abordar. A casuística da infância parecia não ter importância.

Intervenção. Na sequência, o outro consciencioterapeuta, aqui representado por C2, aplicou-lhe a técnica da exteriorização de energias nos chacras. Houve repercussão intensa seguida de choro baixo, contido; depois profundo bem-estar e alívio, padrão homeostático inconfundível a partir da heterodesassimilação.

Posicionamento. Então esta autora refutou a própria hipótese sobre a inexistência de mágoa nessa casuística da infância. O reconhecimento do heterodiagnóstico motivou o autoestudo sobre o mecanismo de desconstrução da mágoa.

Reflexão. Essa experiência proporcionou a reflexão sobre a possibilidade de existirem mágoas latentes, relativas às múltiplas vidas intrafísicas. Se dependesse da heteroassistência para desassimilação, demandaria muitíssimas intervenções.

Prioridade. Nesse sentido, a prioridade na autoinvestigação passou a ser: a identificação do traço pessoal gerador da mágoa; o *modus faciendi* da autocura; e o procedimento profilático.

Chave. Essa casuística representou, para a autopesquisa, a “ponta do *iceberg*” ou o “fio da meada”. Principalmente, porque compôs o contraponto chave para o estudo do mecanismo de funcionamento da mágoa.

2.2. Casuística 2 – *Laboratórios paradidáticos.*

Contexto. A autora denominou laboratórios paradidáticos as autoexperiências paraterapêuticas vivenciadas nos *sets* consciencioterápicos e nos períodos intermediários dos atendimentos. Neste estudo, serão apresentados 3 exemplos de laboratórios paradidáticos: grafoconsciencioterápico; autoconsciencioterápico e decidofílico.

Laboratório grafoconsciencioterápico

Escrita. No período intermediário ao próximo atendimento, houve a expansão da lucidez e formação de campo grafoconsciencioterápico, contando com a perceptível as-

sistência de parapreceptoria, promovendo, metaforicamente, mergulho na holomemória. Escrevia sem parar páginas e páginas, compondo retrospectiva panorâmica do *modus operandi* pessoal. Enquanto que a breve autobiografia, tarefa da consciencioterapia, foi postergada.

Ultimato. No *set* consciencioterápico, os consciencioterapeutas deram o ultimato: deveria, no dia seguinte, levar a autobiografia, sim ou sim.

Síntese. O contrafluxo autobiográfico representou fluxo grafoconsciencioterápico.

Laboratório autoconsciencioterápico

Contexto. A segunda demanda apresentada para a consciencioterapia visava à orientação para assistir determinada consciência em crise. Segundo o diagnóstico dos consciencioterapeutas, tratava-se de preocupação excessiva.

Autoposicionamento. A autora discordou do heterodiagnóstico, expondo a gravidade da situação. Em seguida vivenciou o parafenômeno da projeção lúcida, vendo-se atuando no campo dos consciencioterapeutas com elevado nível de lucidez, entendendo profundamente o raciocínio consciencioterápico.

Interpretação. Houve dificuldade para interpretar o conteúdo do parafenômeno. “*Deveria investir na formação acadêmica para tornar-me consciencioterapeuta, uma vez que não pertencia à área da saúde, sendo este um dos pré-requisitos para a função?*”

Autoconsciencioterapia. Apesar da motivação, a consciencioterapia parecia não ser cláusula pétrea da sua próxis. Posteriormente, com o aprofundamento do autoestudo, entendeu tratar-se de paradidática para a aplicação da ferramenta autoconsciencioterápica.

Síntese. Faça você mesmo, aprenda experimentando.

Laboratório decidofílico

Contexto. A modalidade intensiva, considerada “chapa quente”, por alguns, proporciona um movimento autoconsciencioterápico ágil, porém nem sempre compreendido de imediato. Os parafenômenos e as sincronicidades aconteciam a todo instante a partir de facilitadores, a exemplo de: tarefas propostas, foco nos objetivos, amparo extrafísico, autoparapsiquismo e padrão holossomático otimizado pela imersão.

Evidências. As autoexperiências consciencioterápicas demonstraram evidências de campos mentaissomáticos, ao modo de laboratórios paradidáticos, além de autoexperimentos decidofílicos.

Exemplo. A intenção de realizar a tarefa autobiográfica proporcionou exemplo de laboratório decidofílico, caracterizado ao modo de psicodrama quando a situação crítica requeria autodecisão imediata da pesquisadora.

Campo. Ao iniciar a redação da autobiografia no intervalo entre os atendimentos, instalou-se novamente o campo energético-mentalsomático-retrospectivo, proporcionando a cosmovisão das manifestações conscienciais críticas, em geral, ignoradas pela autora. Determinada a não banalizar o aporte anotava cada detalhe.

Decidofobia. Aproximava-se a hora do *set*. Conforme ultimato recebido, não poderia comparecer sem a autobiografia. Intuitivamente, sabia que a escolha implicava perda. O estado holossomático era de angústia devido à decidofobia. Não queria perder valiosa oportunidade de receber dados pesquisísticos, mas havia um agendamento consciencioterápico a ser respeitado e precisava decidir o que fazer.

Escolha. A opção foi por continuar os registros; isso implicava cancelar a heteroconsciencioterapia e perder o valor pago; porém retornaria na modalidade regular posteriormente. Com o alívio sentido e a percepção de homeostase holossomática, os trabalhos da escrita prosseguiram intensos.

Respeito. Faltando 1 hora para o *set* daquele dia, surgiu o constrangimento de frustrar a programação intra e extrafísica. Seria desrespeito às consciências envolvidas, e já aguardara longo tempo pela vaga para a consciencioterapia. Banalizar o processo em andamento seria anticosmoético.

Decidofilia. Decidida a manter o compromisso, lembrou-se da fala de um colega: “Se não tem jeito, faço e ‘dou a cara à tapa’”. Seria dessa maneira. Redigiu breve compilação cronológica de aspectos autobiográficos e foi para a consciencioterapia esperando os esbregues.

“Tapa”. Aconteceu o que já era esperado. O C1 passou o esbregue: “Você pediu para ser atendida, estamos aqui, e não leva a sério?”

“Cara”. A autora mantinha-se com “cara de paisagem”; lamentava parecer indiferente; gostaria de expressar a gratidão pela oportunidade assistencial recebida. Porém na decisão lúcida não cabe justificativa. É preciso assumir o autoposicionamento sem esperar aprovação.

Recurso. Esta autora chegou à consciencioterapia sem expectativas. Aberta aos acontecimentos aproveitava as oportunidades de aprendizagem, embora nem sempre dentro dos conformes da equipin. A reflexão sobre as vivências de situações inusitadas requerendo decisões inadiáveis funcionaram ao modo de laboratórios decidofílicos, possivelmente recurso paraterapêutico para o autoenfrentamento.

Síntese. Experimentar implica desafios podendo ir além dos conformes.

2.3. Casuística 3 – *Morar fora de casa.*

Contexto. Segundo percepção da autora, os consciencioterapeutas alternavam-se quanto ao epicentrismo do campo no *set*. Porém ambos falavam em qualquer tempo. Nessa casuística, apenas o C1 manifestou-se, enquanto o C2 parecia ocupar-se da manutenção energética do campo. Após o esbregue citado, o C1 abordou uma passagem do referido rascunho, segundo a autora, sem relevância para análise.

Casuística. *A autora morou fora de casa aos 10 anos de idade. Estudava pela manhã e à tarde atuava como babá.* O consciencioterapeuta fez longa investigação e não encontrou vestígio de mágoa.

Crítica. Ao escrever a resenha crítica sobre as autopercepções, a autora considerou esse *set* sem aproveitamento por utilizar tempo desnecessário em longo questionamento improdutivo. Entendia ser mais útil o aprofundamento das questões sobre a casuística “Pegadinha” do primeiro dia de atendimento.

Parapergunta. “Por que não falou quando foi dada a oportunidade no final do atendimento?”. Essa parapergunta oportuna conduziu ao estudo aprofundado do caso.

Contestação. “Se falasse, diriam: – Não tem mágoa mesmo, ou você está mascarando a resposta?”.

Questionamento. “Como poderia provar a inexistência da mágoa?” Percebia-se aqui a segunda questão relevante para estudo.

Autoinvestigação. O campo grafoconsciencioterápico instalado favoreceu a autoinvestigação imediata através de questionário aplicado à casuística *Morar fora de casa*:

1. Por que foi morar fora de casa tão cedo?

A autora recebia frequentes convites da ex-professora de alfabetização para almoçar e depois brincar com suas filhas, uma de 5 anos e a outra bebê. Acostumada a cuidar dos irmãos menores, demonstrou ter perfil de babá. Posteriormente, foi convidada para morar em sua casa.

O caso, segundo a mesologia daquela época, estava dentro das licitudes. Esta autora caminhava 8 km a pé para chegar à escola todo dia. Nas famílias do campo, todas as crianças realizavam trabalhos domésticos, por isso o convite era considerado normal.

Não houve drama. Os pais concordaram desde que não atrapalhasse os estudos. Além do respeito ao seu livre-arbítrio e facilitar a chegada à escola, a autora desejava experimentar coisas novas.

2. Como foi a adaptação às regras da casa?

O temperamento tranquilo da autora favorecia a convivialidade, compreendia que deixara de ser visitante e assumira compromisso laboral. Segundo a cultura familiar não se recebe nada de graça, deve-se retribuir; comer ou morar sem pagar era indigno, mesmo sendo criança. Por isso não havia melindres nem vitimizações. Os autopesenes retílicos seguiam as normas de conduta; a autocoerência era uma questão de lógica: sujou, limpa; não tem, trabalha e adquire; comprou, paga; errou, assumo; pediu emprestado, devolva.

3. Havia conflito?

Havia conflitos sim. Apesar da aparência calma, a autora demonstrava personalidade forte não se submetendo ao que considerava injusto.

4. Qual a conduta diante de suposta injustiça?

Quando em desacordo reagia demonstrando seu descontentamento. Diante dessas situações, a família chamava para conversar. Após ouvirem suas queixas, procuravam

esclarecer os fatos, de modo coerente, considerando o compromisso de educá-la, assumido perante seus pais. O conflito desaparecia e tudo voltava ao normal.

5. Qual a conclusão sobre a possibilidade de haver mágoa ou não?

A autora concluiu não haver mágoa: devido à conduta assertiva, pela escuta ativa e profilática; respeito ao seu livre-arbítrio, pois houve liberdade para aceitar ou não o convite de ir viver com a família e também podia escolher entre permanecer na casa ou ir embora quando desejasse.

2.4. Contraponto: *mágoa latente X mágoa inexistente.*

Superficialidade. As casuísticas, “Pegadinha” e “Morar fora de casa”, se consideradas superficialmente, não têm relevância. Já o estudo comparativo, a partir da *técnica da autoaplicação grafoconsciencioterápica*, revelou o contraponto para a compreensão do mecanismo de funcionamento da mágoa.

Autobiografia. A reprogramação no planejamento do *set* consciencioterápico, devido aos contrafluxos autobiográficos, proporcionou a abordagem das casuísticas já citadas. Finalizada a semana de atendimentos, a autora estabeleceu a meta de escrever a autobiografia a partir das informações adquiridas na experiência consciencioterápica.

Contraponto. As autoexperiências constituem subsídio para a compreensão do contraponto entre: mágoa latente (caso “Pegadinha”, vivência fugaz, em menos de um minuto) e mágoa inexistente (caso “Morar fora de casa” vivência por longo período).

Coerência. A partir da autoconsciencioterapia, a autora identificou, no estudo do *modus operandi* pessoal, o *princípio da coerência* sendo traço do seu temperamento gerador da mágoa.

Paradigma. Segundo o paradigma consciencial, a coerência é um atributo consciencial básico. Porém nas manifestações conscienciais ectópicas, esse traço pode tornar-se um tráfego e proporcionar comportamento inflexível, justiceiro.

Incoerência. No caso “Pegadinha”, a mágoa teria resultado da desassistência em momento de aflição; pelo *princípio da coerência*: desrespeito, injustiça. A ausência da escuta ativa e do esclarecimento desfazendo a inverdade teria reprimido o sofrimento.

Convergência. Sobre o caso “Morar fora de casa”, a inexistência de mágoa devia-se à convergência de princípios. Tratava-se de conduta moral. Inexistia a resolução de conflitos com agrados, ou coação. A conflitividade da autora ocorria ao julgar algo incoerente. Nessa casuística, o diálogo favorecia a exposição do incômodo e por isso não havia mágoas.

Evidência. Considerando o entendimento de alguns, haveria evidências de mágoa. Exemplos: a autora, na adultidade, ainda ouvia de contemporâneos: – *Você sofreu muito ao morar fora de casa tão cedo*; a ex-professora, certa vez ao visitá-la, pediu perdão porque considerava ter sido rígida com a autora; também o C1 parecia supor indícios de mágoa, pois insistiu na investigação sobre o caso.

Achega. O aprofundamento do caso “morar fora de casa” parecia ter alcançado a resposta sobre a inexistência da mágoa. Mas as lembranças continuaram. Segundo as experiências com as parapercepções, tratava-se de achega grafoconsciencioterápica patrocinada por parapreceptoria.

Sutiliza. Então a autora seguiu o critério de escrever o texto repetidamente até chegar à síntese ideativa. O aprofundamento pesquisístico, a partir dos detalhes, possibilitou a captação de sutileza sobre os autoconflitos.

Diálogo. A análise retrospectiva, sobre “Morar fora de casa” trouxe um dado novo. A autora observou que, embora sua mãe fizesse visitas de acompanhamento, a família não apresentava queixas a seu respeito. Os conflitos eram resolvidos com a própria autora, falando de consciência para consciência, independente de hierarquia etária, confiando no seu discernimento. O diálogo franco, objetivando o esclarecimento proporcionava a desdramatização da queixa.

Relevância. O segundo *set*, considerado sem aproveitamento, demonstrou ser de relevância, pois o contraponto entre as casuísticas: “Pegadinha” e “Morar fora de casa”, possibilitou a identificação do *Modus operandi* pessoal e o traço gerador da mágoa.

III. AUTOAPLICAÇÃO DO APRENDIZADO

3.1. Casuística 4. *Conscin-sorriso*.

Autocura. A aprendizagem obtida no estudo contrapontado motivou sua replicação visando explicitar o *modus faciendi* da autocura. Principalmente, quanto às questões específicas de mágoa que motivaram a busca da consciencioterapia, a exemplo da casuística “Conscin-sorriso”.

Contexto. As questões de mágoa envolviam conflitos decorrentes das desassistências relativas à escuta. As técnicas de desassimilação resolviam, temporariamente, favoreciam a convivialidade, porém a lembrança do evento pretérito demonstrava a discordância quanto à conduta de outra pessoa. Segundo abordagem superficial, seria aparentemente um detalhe, mas a autora desejava a higiene consciencial, começando pelos pecadilhos mentais. A expressão usada pelos consciencioterapeutas a “ponta do iceberg” passou a fazer parte do código autopesquisístico.

Evocação. A autora (não tendo obtido êxito nas tentativas de acerto cármico com as consciências envolvidas) evocou amparo extrafísico para promover a autocura do que considerava ruminação mental.

Casuística. A consciência alvo da mágoa, neste caso, será denominada *Conscin-Sorriso* (CS).

Causa. *A conduta intrusiva da CS (sem conhecimento prévio dos fatos e sem admitir diálogo) teria inviabilizado de modo recorrente, trabalhos assistenciais dos quais a autora fazia parte. Apesar das tentativas de superação, a lembrança de tais fatos aparecia associada à desconfiança quanto à intencionalidade da CS.*

Encontro. A autora encontrava-se na fila do restaurante, sentiu uma energia aproximando-se; era CS, vinha cumprimentá-la; o abraço resultou em imediato bem-estar, alívio, empatia e, inexplicavelmente, a autocura da mágoa referente àquela consciência.

Questionamento. O que promoveu a desassimilação? Possivelmente, a evocação teria facilitado o encontro, mas o mecanismo da cura, tal como visto no estudo do contraponto, é intraconscional, é autocura.

Interpretação. O encontro com CS poderia ser achega autopesquisística de amparradores extrafísicos, porém a autora deveria atuar com autonomia na interpretação do caso para identificar o *modus faciendi* da autocura.

Investigação. A aprendizagem através da autoaplicação grafoconsciencioterápica seria utilizada na autoinvestigação. Eis, a seguir, questionário utilizado na autorreflexão:

1. Haveria autovitimização da autora, demandando atenção, e o abraço teria reverberado promovendo a homeostase holossomática?

A autorreflexão demonstrou ser a autovitimização improvável, porque houve encontros anteriores com CS e cumprimentos sem que ocorresse a desassimilação da mágoa. Ela costumava cumprimentar a todos respeitosamente.

1. O que estaria associado àquele breve momento que não foi além de um simples cumprimento?

Na análise, a autora realizou a retrospectiva sobre o momento do abraço, trazendo na tela mental os mínimos detalhes, tentando identificar a intencionalidade da CS na abordagem. Então chamou atenção o sorriso.

2. Qual o conteúdo ideativo do sorriso?

Segundo a leitura energética, tratava-se de um sorriso sincero, sem interesse secundário. Mas precisava a palavra-síntese sobre o conteúdo do pensene reconciliador.

3. Seria um sorriso de amizade?

Não havia essa característica. Preponderava a ideia de gesto formal. A diferença estava na energia consciencial da CS decorrente da pensenidade sincera.

4. Qual a ideia imparcial e tão expressiva implícita no sorriso?

Uma lista de termos explicativos foi elaborada para o estudo ideativo sobre a expressão do sorriso. Por fim a revelação estava na palavra satisfação. Sorriso de satisfação ao ver a autora. Parecia intrigante não existir amizade mais estreita e haver a alegria do reencontro.

Hipótese. A autora estivera fora de Foz do Iguaçu, por longo período. Possivelmente, CS ao encontrá-la no CEAEC, sentia satisfação em vê-la investindo na autoevolução.

Coerência. A autora, por hipótese, teria considerado o trafor de CS, ao observar que ela sentia-se feliz pelo movimento evolutivo do outro e queria compartilhar essa alegria. CS demonstrara satisfação benévola; o atributo da coerência; universalismo. Isso teria superado a ideia apriorista quanto aos trafores de CS.

Convergência. A autora já havia aplicado sem resultado a técnica da identificação dos trafores nos casos de mágoa. Portanto sentir a energia sadia de CS através do acoplamento parece ter favorecido o resultado. A análise apontou para a convergência do *princípio da coerência* e de que aconteça o melhor para todos.

Síntese. O ponto de convergência ideativa entre as partes conflituosas é indicador de autocura.

3.2. Análise crítica sobre o autoestudo.

Autoconhecimento. As casuísticas analisadas possibilitaram o autoconhecimento quanto ao mecanismo de funcionamento e desconstrução da mágoa.

Autoconsciencioterapia. O estudo comparativo (contraponto e convergência de princípios) é subsídio autoconsciencioterápico para a interpretação dos outros casos identificados na consciencioterapia intensiva.

Parapreceptoria. As sincronidades indicaram achegas de amparadores contribuindo para o autoestudo. Eis exemplos de evidências parapercebidas quanto à atuação de parapreceptoria técnica em Consciencioterapeuticologia:

1. O paradoxo dos contrafluxos na entrega da autobiografia proporcionando fluxos autoconsciencioterápicos aplicados à decidofilia.

2. A assistência qualificada pelas achegas mentaissomáticas e assistências paradidáticas oportunizando o avanço da autopesquisa, além de pistas seriexológicas não abordadas neste trabalho.

Etapas. Embora não apareçam delimitadas, as etapas autoconsciencioterápicas estão presentes na autopesquisa. Eis alguns exemplos: autoinvestigação (hipóteses), autodiagnósticos (*modus operandi* pessoal, mágoa latente), autoenfrentamento (decidofilia), autossuperação (autocura).

Grafoconsciencioterapia. A instalação de campo grafoconsciencioterápico para o autoestudo possibilitou o autoconhecimento e preparou a base para o aprofundamento da autoconsciencioterapia.

Qualificação. A reciclagem intraconscienencial, a partir da autossuperação da mágoa, consistiu na qualificação dos autopensenes, segundo o paradigma consciencial, visando a ortopeniedade.

IV. CONCLUSÕES

Ganhos. A autora considera ter obtido significativos ganhos evolutivos através das provocações consciencioterápicas desafiadoras preparando para a autoconsciencioterapia avançada.

Método. A grafoconsciencioterapia evidenciou o mecanismo de desconstrução da mágoa latente a partir do método comparativo no estudo das casuísticas: diferenças (contraponto) e semelhanças (convergência).

Mecanismo. Observou-se que em todos os casos latentes, a ocorrência da mágoa devia-se à ausência de escuta ativa nas situações críticas sendo interpretada pela autora como incoerência.

Faciendi. O autoestudo demonstrou que o *modus faciendi* da autocura ocorreu pela ressignificação autopenênica segundo o crescendo superficialidade-profundidade-interpretação-aplicabilidade. Desse modo, pode-se chegar à convergência de princípios capazes de promover a desassimilação dos pensenes ectópicos e desenvolver ortopen-senes.

Profilaxia. Portanto a profilaxia da mágoa corresponde ao desenvolvimento da ortopen-senidade.

Conclusão. Conclui-se que a autoaplicação grafoconsciencioterápica é técnica eficaz para o autodesassédio e a ressignificação pensênica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Almir, Justí; Amin, Lascani; & Dayane, Rossa; *Competências Parapsíquicas: Técnicas para o Desenvolvimento do Parapsiquismo*; revisor João Paulo Costa; revisoras Liege Trentini; Helena Araújo; Erotides Louly; & Liliana Mayume; 163 refs.; 556 p.; 5 seções; 28 x 21 x 3 cm; br.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2018; páginas 405 e 412.

2. Paludeto, Leonardo; *Consciencioterapia de grupo: Proposta de Contextualização*; IV Jornada de Saúde da Consciência; Revista *Conscientia*; Trimestrário; Vol. 12; N. 1; janeiro-março; 7 en.; 1 tab.; 11 ref.; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia; Foz do Iguaçu, PR; 2008, página 5.

3. Vieira, Waldo; *Homo sapiens reurbanisatus*; revisores Equipe de revisores do Holociclo; 1.584 p.; 24 seções; 479 caps.; 139 abrev.; 12 E-mails; 597 enus.; 413 estrangeirismos; 1 foto; 40 ilus; 1 microbiografia; 25 tabs; 4 websites; glos. 241 termos; 3 infográficos; 102 filmes; 7.665 refs; 7 índices; geo.; ono.; Alf.; 28 x 21,5 x 7 cm; enc.; 3ª Ed. Gratuita; CEAEC, Foz do Iguaçu, PR; 2004; páginas 123, 127 e 129).

WEBGRAFIA

1. Vieira, Waldo; *Atenção dividida*; verbete; In: Vieira, Waldo; Org.; *Enciclopédia da Conscienciologia*; apres. Coordenação da ENCYCLOSSAPIENS; revisores Equipe de Revisores da ENCYCLOSSAPIENS; 27 Vols.; CLXXIV+23.004 p.; 1.112 citações; 11 cronologias; 33 E-mails; 206.055 enus.; 602 especialidades; 1 foto; glos. 4.580 termos (verbetes); 701 microbiografias; 274 tabs.; 702 verbetógrafos; 28 websites; 670 filmes; 13.896 refs.; 54 videografias; 1.087 webgrafias; 9ª Ed. Digital; rev. e aum.; Associação Internacional de Enciclopediologia Conscienciológica (ENCYCLOSSAPIENS); & Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2018; ISBN 978-85-8477-120-2; páginas 1.992 a 1.996; disponível em: <<http://encyclossapiens.space/nona/ECDigital9.pdf>>; acesso em: 06.06.19; 18h52.